



ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL JOÃO SPADARI ADAMI

Unidade Banco de Memória Oral

Transcrição da entrevista com José Victório Piccoli FG174

BR.RS.AHMJSA.BMO.01.04.006.SIN eTRA

Entrevistado/a: José Victório Piccoli

Entrevistador/a/es: Sônia Storch Fries e Susana Storch Grigoletto

Tema: Projeto Vozes da Terra

Data: 13 de junho de 1995

Local: Rádio São Francisco – Caxias do Sul

Síntese:

Lembranças da infância, formação escolar.

II Guerra Mundial: consequências para a colônia.

A condição feminina: trabalho e responsabilidades femininas, valorização da mulher, lazer feminino.

Imigração italiana - avô de José: proveniência, estabelecimento em Flores da Cunha, dificuldades.

Cooperativa Vinícola de Flores da Cunha: criação (motivo), atuação, comércio do vinho.

Viticultura: situação econômica.

Região de Flores da Cunha: etnias, terra do galo.

Igreja (Linha 40): utilização de vinho na construção.

Ferraria Fontana: instrumentos agrícolas.

Colônia: estereótipo, a ilusão da mesa farta, a amizade entre vizinhos, lazer e diversão.

Religiosidade: reza do terço, missa de domingo.

Vestimentas para enfrentar o frio.

Agricultura: a opção pela agricultura ecológica.

Tropeiros: pouso.

Transcrição:

Susana: Nome?

José: José Victório Piccoli.

Susana: Data de nascimento?

José: Dezesesseis de março de 1934.

Susana: No seu tempo de juventude e infância como é que era a vida na colônia?

José: Ah, sobre a minha infância... era uma vida difícil, porque nós, como todas as pessoas descendentes de italianos, éramos pobres. Eu era o terceiro da família, nós somos em onze irmãos. O meu pai e a minha mãe, graças a Deus, ainda vivem. O meu pai está com quase oitenta e oito anos e a minha mãe com oitenta e cinco. Eles tem uma saúde ainda relativa, não muito boa, mas passável, enfrentando... Mas, eu diria [inaudível], principalmente a minha mãe, de superar tantas dificuldades e ainda tem uma mente sadia como tem hoje. E eu, como o terceiro da família, sofri um pouquinho menos do que os meus irmãos mais velhos. Por sorte, lá em casa, nascia sempre um homem e uma mulher, um homem e uma mulher. Só no fim deu dois homens. Nós somos em onze irmãos, seis homens e cinco mulheres, todos vivos ainda. Ah, que permanecem na colônia dois irmãos, são três, e duas irmãs também. E o resto estão espalhados por ali. Bom, a minha infância eu me recordo dos fatos, o fato mais antigo, até mandei reproduzir a foto esses dias, fui buscar ontem, eu tinha três anos e meio, quando me tiraram a fotografia em cima de uma égua do Angelon diziam, o Angelon Mascarello, que é meu parente, porque a minha mãe é Mascarello. Essa foto eu mandei revelar, porque eu sinto uma gratificação: três anos e meio e eu me recordo que eles diziam “segura bem o rebenque”. Eu estava assim na fotografia, segurando o rebenque, que é um aparelho para segurar o cavalo, né? Eu tinha cabelo crespo [inaudível] e eu estava de pés descalços, porque tinha esquecido os sapatos. Eu tinha um bem pequenininho, que tinha sido do meu irmão mais velho e esqueci o sapatinho lá no tio, que tinha vindo de lá. Então, é uma lembrança que eu tenho da minha infância, a mais antiga. E uma outra lembrança é que eu fui duas vezes, uma vez a cavalo e outra vez de carreta lá em São Bernardo, onde tinha uns tios que foram morar para lá. Eram terras novas e eu fui uma vez a cavalo para visitar os tios e outra vez eu fui de carreta para buscar milho. E saímos lá de casa com a carroça e começou a chover e como tinha a balsa do Rio das Antas, tivemos que ficar parados uns três ou quatro dias até baixar as águas para passar o rio. Porque em Flores da Cunha não se produzia muito milho e os meus tios lá produziam bastante. Quando o meu avô ficou viúvo, avô da minha *nonna*, o meu pai tinha só cinco meses, então eles fizeram lá um inventário e alguns tiveram que sair que, aliás, eles eram em nove irmãos e era só uma colônia. Então, uns foram para Santa Catarina, dois foram para Santa Catarina. Uma tia também foi para Santa Catarina e ficou só o meu pai e o outro irmão de meu pai, o Joaquim, que ficaram em Flores da Cunha. Os outros dois foram a São Bernardo. Então, eles tinham comprado mais uma terra e puderam fazer alguma coisa, mas com muita dificuldade! Então, eu me recordo que a nossa infância foi bastante difícil. Eu me recordo também que houve a Primeira Guerra Mundial, a Segunda Guerra Mundial, naquele tempo e eu fiquei assustado. Eu tinha nove ou dez anos. O meu pai veio para casa um dia e gritou “Viva la guerra”. E aí foi dificuldade pra eles. Por exemplo, não entrava

mais arame para botar nas parreiras. Então, nas parreiras tinha que botar tudo taquara. Taquara, tinha que ir no mato buscar taquara. Depois o meu pai começou a fazer taipa também pra..., porque não tinha arame farpado, porque vinha tudo do exterior, né?

Sônia: E a guerra não permitia?

José: É, é. Então, era um sacrifício muito grande. Eu me recordo, eu era pequenininho, eu ia junto com o pai fazer a taipa e ele me mandava botar as pedrinhas no meio das pedras maiores para preencher, né? É isso aí que a gente fazia. E uma coisa que me recordo ainda, que eu fiquei bastante triste, era que a gurizada mais velha do que eu, ou da mesma idade, ia jogar futebol. Fizeram um campinho lá, porque a gurizada toda, ela... e o meu pai não tinha dinheiro para comprar, ajudar a pagar a bola e, então, eu tinha que ficar fora. Então, eu ficava de *marecão*. *marecão* é aquele que fica atrás da goleira. Então, se jogavam a bola no fundo do..., ou faziam um gol, ou que defendia, eu, ao menos, tinha a chance de pegar a bola e jogar dentro do campo [risos]. Era uma alegria. Outra coisinha, lembrança pequena que eu tenho, eu comi uma cenoura uma vez, pelo amor de Deus, como eu achei deliciosa! Nunca mais esquecerei quando eu comi uma cenoura.

Susana: Mas a cenoura...

Sônia: Não tinham o costume de plantar cenoura?

José: Não tinha. Mas a cenoura daquela época, tinha um outro particular, além de a gente comer coisas assim..., sempre as mesmas coisas, não tinha variedade. A cenoura daquele tempo, ela vinha ao natural, não é reforçada como é hoje com água, com adubos, né? Então, eu achei uma coisa fabulosa. Depois, mais tarde comi uma cenoura e não tinha mais aquele gosto. Não sei se o meu gosto ficou diferente, né?

Susana: E seu... É Primo?

José: É Picolli, José Victório.

Susana: Seu José, que tipo de atividade era desenvolvida pelos homens na colônia e que tipo de atividade era desenvolvida pelas mulheres?

José: Olha, as mulheres mereciam estátuas, porque elas trabalhavam como homens, de sol a sol e de noite ainda, né? Porque além de cuidarem de tudo, dos filhos, o tempo que sobrava iam para roça. Eu me recordo que a minha irmã, [inaudível], que ainda vive, ela, quando tinha seis anos, fazia polenta, porque a minha mãe tinha que cuidar dos outros filhos que estavam nascendo, outros dois irmãos, ou outras vezes ela tinha que ir na roça. Então, ela pegava uma cadeirinha e ia trabalhar, fazendo a polenta, né? Então era, a vida do homem e da mulher, principalmente da

mulher, era muito sacrificada. Era um filho atrás do outro e..., e uma pobreza absoluta quase. Quer dizer, comida tinha, mas não em abundância. Porque muitos contam por aí que o colono tem mesa farta. É bastante utópico. Não é. Está certo, hoje está melhor, muito melhor, mas naquele tempo, dizer que tinha mesa farta, não concordo muito com isso não. Tinha o necessário. Eu me recordo ainda, e não tenho vergonha de dizer, que nós lá, tinha um matadouro lá perto, quando era tempo de carestia, que deu uma geada ou chuva de pedra, a gente ia buscar as pernas dos bois e fazia um sopão e comia aqueles ossos lá e pronto, né? Não era tanto assim. Quer dizer...

Susana: Não era tão farto assim.

José: Não era tão farto assim. Quer dizer, os primeiros imigrantes tiveram mais dificuldades, né? Porque o meu avô, ele contava, o pai contava que o meu avô veio pra Caxias diversas vezes e ele ficou um dia inteiro para vender um pouco de trigo, e não conseguiu vender. Então, ele entregou todo o trigo que ele tinha em cima dos cavalos por um facão, para não levar de volta.

Susana: Bah!

José: É. E, lá na Gethal [S/A, 1948], lá embaixo, atolavam os animais quase, né?

Susana: Era um banhado?

José: É. E dava uns vinte e cinco quilômetros, vinte e seis pra vir até aqui. Outra vez o meu avô, ele foi com uma tropa vender produtos e apareceram lá os fiscais. Eles exigiram baixar todas as bruacas, como eles diziam, e botar no chão para ver o que tinha dentro, para depois cobrar um tanto. E, depois, não era capaz de pagar as mulas que tinham ficado por lá, para poder recarregar a mercadoria e ir pra frente. Então, diz que o meu avô ficou tão triste, tão triste, diz que ele disse quase uma blasfêmia: “*Maledetta quêla volta que la me mama me ghá portá.*”

Sônia: Trouxe da Itália?

José: Hein?

Sônia: Trouxe da onde... “Maldita hora que a minha mãe me trouxe ao mundo?”

José: É, trouxe ao mundo, é. Porque ele se sentia desesperado. Plantou, trabalhou e ainda agora, né...

Susana: Acontece essas coisas.

José: Acontece essas coisas. Tinha que pagar um imposto e vistoriaram todas as mercadorias dele. E depois não era capaz de pegar os animais. É, e...

Susana: Bah! E a sua infância?

José: A minha infância já contei. Depois dos dez anos por aí eu fui para o seminário, e hoje sou professor aposentado de história e geografia, matérias, aliás, que gosto muito, principalmente de história. Eu até fiz estudos da minha família lá da Itália, um pouquinho, e tive a honra, o prazer, a aventura de ver a terra onde nasceu o meu avô. É uma terra que fica a vinte e cinco quilômetros de Verona, província de Verona. É uma cidadezinha que chama *Ronco All'Adige*. O meu avô nasceu lá em janeiro de 1865. Eles trabalhavam numa terra muito pantanosa, que muitos agricultores, aqui de nossa região, imigrantes, vieram das montanhas, e muitos vieram de zonas pantanosas. E tanto a zona pantanosa, como a zona acidentada, eram difíceis de serem trabalhadas. A zona pantanosa é que alagavam as terras, no tempo de enchente e perdiam tudo. Hoje, eu passei lá e vi, fizeram diques ao redor. Então, por quanto que cresça o rio normalmente, a não ser que dê alguma enchente extraordinária, não há mais aquela destruição com as enchentes.

Sônia: E o que o senhor sabe, o que o seu pai contava de cooperativas?

José: Ah, das cooperativas?

Sônia: É.

José: Bom, a cooperativa, quando começou a progredir, plantavam muita parreira, em Flores da Cunha a terra é de muita parreira. Então, a cooperativa surgiu devido..., porque era um monopólio de algumas firmas que impunham os preços e pagavam o que queriam, né? Então, ele veio aqui em Caxias, foi chamado pelo governo, me parece, um tal de Doutor [Stefano] Paternó. Esse, então começou a preparar as cantinas. Que foi mais ou menos no começo da década de [19]30. Ele veio antes [1911], parece que ele veio duas vezes para cá e na última vez então ele começou a criar as cooperativas. E as cooperativas foram construídas, organizadas e foram em grande número, fizeram oposição. Era um outro esquema, uma outra opção dos agricultores para vender a uva, né? E muitas vezes, antes das cooperativas e, também, depois, porque eu não sei como era bem a venda dos vinhos, eles tinham que largar o vinho depois que produziam [inaudível] a safra. Em [19]94 vinha a safra de [19]95, tinham todo o vinho em casa. Então, largaram o vinho. Eu li uma história, não sei se vale a pena contar agora aqui. Na Linha 40, eles fizeram de vinho, os tijolos que tem lá na igreja, que encontravam, que o barro era amassado com o vinho. Porque houve, numa época, uma grande seca e de certo tinha pouca água e, também, não sabiam o que fazer com tanto vinho... Diz que foi examinado pelos, pelos...

Susana: Técnicos?

José: Por técnicos, por químicos e acharam isso aí. Então a cooperativa foi uma grande salvação inicial. Deu um desenvolvimento maior, mais segurança, porém eles tinham, os agricultores, de

esperar a venda do vinho para receber o dinheiro, né? A venda do vinho, como diz umas frases, não sei se dá para ler: *Italiani venuto in Brasile per guadagnarse um po di terreno, como so gradi engenho e la* [inaudível]. Então, o que queriam os imigrantes era ter um pedaço de terra. Agora, em minha região, lá em Flores da Cunha, São Roque, que é o Travessão Rondelle, nós temos que fazer uma distinção também, não havia só imigrantes italianos. Eu fui procurar nos arquivos lá e existem três, cinco famílias de luso-brasileiros que receberam lotes lá embaixo e um francês também. Tem um francês, lá na minha terra que recebeu um lote rural. Então, aqui povoou o italiano, mas não vamos esquecer que também existia, os outros, em número bem menor, austríacos principalmente, que já eram meio mistura com a Itália naquela época. E isso, eu acho, é uma observação interessante que deve ser feita também.

Sônia: O senhor pode seguir seu Picolli, daí o senhor fala à vontade.

José: Eram tantos produtos agrícolas assim, eram geralmente os industrialistas, os comerciantes que faziam os preços. E, eu não vou dizer que hoje não é muito diferente em certos aspectos, né? A questão do vinho hoje também é difícil. Hoje tem muitos problemas no meio. Como diz aqui: “*Qüêsta terra se for bem cultivada é capace de dar alimenti e el coloni era tuti contenti de formar el progresso en Brasile*”. Ah, o progresso [inaudível], principalmente na viticultura, mas o Brasil no [inaudível], de saber conservar. Não sabiam conservar o vinho. Eu poderia dizer aqui a última estrofe, para ser mais sintético, dizia assim, e que hoje se pode aplicar também. “*Si o governo* [inaudível], *qüêl vin que vem do exterior* [inaudível]... *que la vigna deverá abandonar*”. Isto é um fato atual. Quer dizer, se não for controlar a entrada do vinho do exterior, muita gente vai ter que abandonar as parreiras. É o que está acontecendo, né? Bom, lá na minha terra tinha uma boa pessoa que tem até uma ferraria, eles chamavam..., ele é Fontana de sobrenome. É o velho, chamava-se Joaquim, o antepassado dele eu não conheço. Eles chamavam *el ferrer*, aqueles que faziam ferramentas para trabalhar na agricultura. Até, esses dias eu fui lá e mandei arrumar uma tesoura, é que eu gosto muito de trabalhar na horta, no quintal e eu vou quase toda a semana também fazer um exercício físico na colônia, lá em Flores da Cunha. Então, esse *ferrer* fazia todas ferramentas para a colônia. Muito bem quisto, boa qualificação, né? Bom, ainda podíamos, que foi dito a pouco mas podíamos repetir, que a mulher sempre foi assim... considerada em segunda escala, por nossos antepassados. O homem era o sabe tudo, mandava em tudo. E, inclusive, eu me recordo que lá em casa e ainda acontece isso, acontecia, não sei se acontece ainda, é que a mulher até tem que guardar os documentos, tudo direitinho do marido e tal. É tudo responsabilidade dela [risos] pelos documentos que tem. Isso aí também, se sabe que realmente a mulher sempre foi muito, muito exigida na colônia, muito exigida. Hoje já modificou bastante.

Susana: E o senhor lembra dessas passagens com a sua mãe? O senhor disse que ela...

José: Sim. Se bem que muitas vezes a mulher, ela era muito exigida, ela suportava tudo pacientemente, sabia que era o colo dela, o calo e tal, né? Muitas vezes, muitas mulheres tinham a rédea da casa, né? Como a minha mãe sempre diz: “A mulher possui, tem três colunas de uma casa. A mulher é três colunas da casa e uma é do marido” [risos]. Se diz assim. É um provérbio que existe aí. De fato, eu acho que deve ser uma aproximação entre ambos. Hoje tudo está meio modificado, mas a vida na colônia ainda hoje é bastante difícil. É difícil. Eu estava dizendo para um dos administradores que aparece muita coisa artificial, talvez na imprensa e talvez nas publicidades. Tinha um guia telefônico, há pouco tempo, de nossa região aqui, e mostrava na capa uma mesa farta ao lado de um parreiral. Era a merenda das quatro horas. Então, com uma toalha em cima da mesa. Aquilo não representa a realidade, jamais um colono vai fazer isso no tempo da vindima. O colono não faz nem hoje. Eu trabalhei a semana passada na colônia, não fazem merenda. Comem uva e pronto, e de sol a sol.

Sônia: Nem dá tempo?

José: Nem dá tempo. Em algum lugar tem gente, de vez em quando, que faz isso. Muitas famílias fazem a merenda, mas não com uma mesa, com uma toalha cheia de copa, de salame, de vinho e pão, né?

Susana: Vai no chão mesmo?

José: No chão mesmo e olha lá ainda! [risos]. Isso são vivências, né? E as mulheres, naquela época, de antigamente, vamos dizer, nos domingos, onde é que passavam? Nos domingos as mulheres, como já foi dito aqui, elas trabalhavam muito durante a semana e tinham um pouco de descanso familiar, uma folga [inaudível]. Então, elas falavam com as vizinhas, com as comadres, depois do rosário, né? Mostravam seus trabalhos de crochê, faziam..., conversavam, trocavam ideias. Todo mundo se conhecia, o que hoje também não acontece mais, né? Porque naquele tempo, chegava a noite ou ia para cama ou ia fazer filó. De manhã, antes de clarear o dia, estavam levantados. Hoje o que tem? Tem o rádio, tem a novela, tem não sei o que lá, tem a televisão, então se distanciou muito dessas coisas, né?

Susana: Dessas conversas?

José: É. E isso, talvez, até para iludir as pessoas em certas coisas. A vida de antigamente então tinha seus aspectos menores. Eu sei que os meus irmãos, já mais velhos, meus irmãos e minhas irmãs cantavam de noite. As noites eram compridas, elas cantavam cantos italianos, cantavam para passar as horas e assim mesmo perto do vinho. Isso era uma coisa sadia. E, depois, tinha o terço e tal e

tudo. Era uma coisa assim. E nós íamos à igreja, nos domingos nunca faltávamos à missa, íamos de pés no chão e depois botávamos os calçados, os chinelos, geralmente perto da igreja. Lavávamos os pés e botávamos os calçados.

Sônia: Era para não estragar os calçados?

José: Claro! Estragava os pés. [risos]

Sônia: E estragava os pés. Tinha que entrar com os calçados limpos?

José: Sim, geralmente era chinelo, não era nem calçados. Eu acho que calçados eu usei pouco.

Susana: E o inverno, as roupas de...

José: Que inverno! Roupa de inverno não se tinha naquela época.

Susana: E como é que enfrentavam o frio, então?

José: Ah, eu acho que Deus mandava o frio conforme as roupas [risos] que tinha, né? Eu não conhecia blusas, essas coisas de lã. Nós tínhamos calças de riscado, um casaquinho e pronto. Pouca, pouca roupa. Não se tinha dinheiro para comprar. Não era tanto assim, né?

Susana: E a escola?

José: A escola, bom a escola eu demorei muito para aprender, ler e tal. E tinha dificuldades. Até vou contar uma passagem um pouco grotesca. Não sei se pode? Um tanto, uma certa época de minha infância, eu não sei por que cargas d'água, eu fui morar com a avó, lá em Sete de Setembro, Mascarello e, então, a mãe me recomendou levar o livro... de... o primeiro livro de alfabetização. Eu levei e ela me recomendou lá para os meus tios, para os meus avós que de vez em quando eu lesse um pouco. E eu tinha vergonha, não gostava de estudar, não aprendia, era uma dificuldade, imagina, né! E não [inaudível] boletim naquela época. Não posso, não posso condenar os professores da época, lógico, mas que preparação elas tinham, né? Então, eu de vez em quando ficava num canto e via que a minha avó estava por perto, lá fora, assim no pátio, estava cozinhando, não sei umas coisas lá, não sei se estava fazendo sabão ou o quê, e eu com o livro assim, fingia ler. Eu inventava as palavras, não sabia ler nada. Então, a *nonna* dizia: “*Bravo, bravo Giuseppe! Como tu lê bem. Bravo, bravo José, como tu lê bem*”. E eu inventava as coisas.

Sônia: Eu acho que deu, nós podemos encerrar.

José: Então, eu queria dizer mais umas coisinhas aqui. Naquela época, sobre Flores da Cunha, era quase ridículo. Todo mundo [inaudível] lá em Flores da Cunha. Então, o meu pai, quando vinha a Caxias, ele dizia assim [inaudível]: “Sou da terra do galo”. Não deixavam dizer que era de Flores da Cunha. Se dizia Terra do Galo, porque se dizia que era de Flores da Cunha: “Ah, a Terra do Galo!

Lá é gente atrasada”. Então, ele já matava a charada, apesar de ser quase analfabeto, o meu pai sabia ler e escrever um pouco. Mas ele já matava a charada no começo, dizia: “Sou da Terra do Galo!”. Então as coisas não [inaudível] mais, né? Uma coisa que eu me preocupo um pouco hoje, quanto à agricultura, é que todos os jovens saem. Eu sinto muito isso, porque nós dependemos da agricultura e a agricultura está toda cheia de veneno, porque não existe mais ninguém que trabalhe. O homem, se é sensato, deve voltar a trabalhar com serviços, com ferramentas antigas pra evitar tanto abuso do agrotóxicos. Eu me recordo, ainda da semana passada, que houve um congresso em Antônio Prado, em Vila Ipê, sobre a agricultura ecológica que estão fazendo, sem usar herbicidas, sem usar muitos venenos e fazem um trabalho merecido. E eu acho que nós deveríamos entrar, pouco a pouco, entrar nessa. Eu teria umas coisas para contar mas como o tempo já está...

Susana: Já esta estourando...

José: Já esta estourando, vamos deixar para outra hora.

Susana: Ele já fez sinal, Sônia?

Sônia: Já. Obrigada.

Transcrição em: janeiro de 1996.

Por: Sônia Storch Fries.

Revisão em: 22 de dezembro de 2010, 06 de janeiro de 2025 e 10 de fevereiro de 2025.

Por: Sônia Storch Fries, Graciela Deon Rodrigues e Fabiana Zanandrea.

Duração: 25 minutos.

Observação: